

Quinta-feira, 25 de Outubro de 1956

RUBEM BRAGA

NOTAS

NOVÁ YORK (Pelo Super G. Constellation da Varig) — Se meu Gallup particular valesse, o velho Ike estaria frito: perguntei a cerca de 30 pessoas quem vai ganhar, e todas me responderam — Eisenhower. Perguntei a cada uma em quem ia votar e cada uma respondeu: Stevenson.

Tiremos disso a conclusão apressadíssima: todo mundo vai votar em Stevenson, mas Eisenhower ganhará as eleições. . .

★

Dixon goza de antipatias gerais, principalmente pelo seu feitio ultra-reacionário. Mas o rapaz é vivo em demasia. Nestas últimas semanas está fazendo questão de mostrar que é sensível à opinião liberal e não ignora os reclamos de justiça social. E confirmando a acusação, que também lhe fazem, de ser um grande demagogo, anunciou que o «new way of life» republicano dará tais recursos para os estudos dos técnicos e cientistas que todos os trabalhos duros para o corpo ou cansativos para a cabeça acabarão feitos por máquinas ou aparelhos eletrônicos. E avançou tranquilamente: «em um futuro não muito distante poderemos ter uma semana de quatro dias para o trabalhador».

Outra declaração, esta capaz de lhe alienar muitos votos, mas de lhe valer muitos outros, e, de qualquer modo, muito simpática, é a que acaba de fazer contra a discriminação racial: «muitos de nós ainda viveremos para ver o dia em que todos os rapazes e moças dos Estados Unidos se sentarão lado a lado em qualquer escola — pública ou particular — sem prestar nenhuma atenção à cor da pele de cada um».

E falou do «ideal americano de igualdade e oportunidade para todo o povo».

«Virada» pré-eleitoral ou não, é uma atitude corajosa para quem não está muito seguro de sua votação no Texas ou na Flórida.

★

Não é só o brasileiro, o americano também tem mania de produto importado. Apesar da enorme campanha de anos e anos («buy american») as vitrinas de luxo continuam a exibir com destaque as coisas vindas de fora. Aqui na esquina desta minha rua 55, tive uma surpresa: uma casa de roupas para homens dedicou uma pequena vitrina, neste comêço de outono, a anunciar a melhor galocha do mundo: é a «Galocha Moderna», made in Brazil. . .

Quanto não pagaríamos a mais, no Rio, por uma galocha americana?